

# Metade dos alunos do 3º ano não sabe qual carreira seguir

Pesquisa feita com adolescentes reflete a indecisão dos vestibulandos na hora de escolher um curso e a pouca ajuda oferecida pelas escolas

**Ocimara Balmant**  
ESPECIAL PAR AO ESTADO

O que Engenharia Mecatrônica pode ter a ver com Veterinária? Ou Medicina com Relações Públicas? Na teoria, nada. Mas, para muitos vestibulandos, apesar de tão distintas, escolher entre uma ou outra dessas profissões é um enigma bastante complexo e com pouco tempo para ser desvendado.

No início da fase de inscrições para os principais vestibulares do País, 54% dos estudantes do 3º ano do ensino médio ainda não decidiram qual carreira querem seguir. O índice é resultado de uma pesquisa realizada pelo Portal Educacional com 2 mil adolescentes.

Pedro Laganaro, de 17 anos, aluno do Colégio Pentágono, faz parte desse contingente de indecisos. “Não tenho a mínima ideia do que vou fazer. Com certeza, exatas eu não faço, porque gosto de humanas e biológicas. Mas só isso que sei”, diz o aluno do 3º ano.

Pedro acredita que metade de sua turma também não se decidiu sobre a carreira. “Muita gente está entre uma e outra carreira e há os que têm dúvidas sobre, por exemplo, qual das Engenharias vai fazer. Decididos, mesmo, são bem poucos”.

Para Selena Garcia Greca, a psicóloga que coordenou a pesquisa, a indecisão reflete o quanto esse momento de decisão ainda é subestimado. “Apesar de estudarem tanto para o vestibular, eles não encaram a escolha do curso como parte do processo. Ele é muito novo, tem 16, 17 anos, e, como não há na escola uma matéria que o prepare, adquire uma postura passiva”, diz.

Os números da pesquisa mostram essa omissão da escola: em apenas 10% delas existe um trabalho específico de orientação vocacional. O

mais comum é os colégios oferecerem ações consideradas pouco efetivas pelos especialistas. As escolas ainda recomendam participação em feiras, palestras com profissionais às vésperas do momento da inscrição e realização de testes vocacionais, inclusive aqueles que sugerem o futuro do adolescente depois que ele responde a uma bateria de questões de múltipla escolha.

“A missão da escola é trabalhar com o desenvolvimento integral do seu educando e isso é pensar também na saída dele e em sua vocação profissional. Quando não faz isso, ela falha em um dos seus objetivos”, diz Silvio Boch, vice-presidente da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP).

**Erros.** Sem orientação adequada, a decisão acaba levando em conta critérios objetivos, mas discutíveis – como os salários pagos na área pretendida e a perspectiva de crescimento do mercado (opção indicada por 18% dos entrevistados como uma boa forma de eleger a profissão). Há também argumentos bem mais frágeis, como a ideia de que o curso de Engenharia Naval é indicado para quem gosta de velejar ou que os amantes de videogames terão êxito caso escolham Ciência da Computação.

São as escolhas equivocadas

## ● Retrato

**48%**  
usam a internet como principal meio para se informar

**18%**  
escolhem pelo salário

**14%**  
escolheram desde criança

**23%**  
conversam com o professor

as principais responsáveis pelos percentuais de evasão universitária, um índice que chega a 40% do total de matriculados.

Vitor Aquino, de 26 anos, faz parte dessa estatística: desistiu duas vezes. A primeira foi logo que terminou o ensino médio. Atraído pelo salário, matriculou-se no curso de Engenharia de Produção, mas abandonou após um semestre. “Experimentei, não gostei, resolvi parar”. Sua segunda tentativa também foi na área de exatas: Mecatrônica. Parou um ano antes de pegar o diploma ao perceber que o campo de atuação seria a indústria.

Sem saber o que fazer, Vitor decidiu seguir o conselho da mãe e buscar orientação profissional. O processo envolveu conversas, produção de texto e participação da família, convidada a ajudar na decisão. Hoje está no quarto semestre de Medicina Veterinária. “Sempre gostei de bicho, mas nunca imaginei que iria trabalhar com isso profissionalmente”, diz ele. Quando se formar, aos 26 anos, pretende trabalhar com melhoramento genético de animais de grande porte.

**Públicas.** Para prevenir que situações como essa aconteçam aos alunos oriundos de escolas públicas e que muitas vezes não têm condições financeiras de arcar com uma escolha errada, é preciso investir em processos de orientação profissional, diz Bloch.

“Antes, esse aluno nem chegava à universidade. Agora, com as políticas de inclusão como o ProUni, o jovem escolhe em função do número de pontos feitos no Enem. Se consegue pontos pra fazer licenciatura, faz sem saber que isso significa formação de professores.”

Mas, apesar de todo o ônus, reconhecer o erro da escolha e fazer uma nova tentativa é melhor do que persistir na carreira equivocada, dizem os especialistas. Serão apenas alguns anos de atraso no início de uma atuação que vai durar décadas.



**Indecisão.** Pedro Laganaro, de 17 anos, pretende estudar nos EUA, mas não sabe o curso

## Família influencia na escolha e rejeita cursos alternativos

● É claro que ninguém apanha ou é expulso de casa quando escolhe uma profissão que não agrada a família, mas aquela percepção de que hoje os pais não influem mais na decisão do filho também não é verdade.

Na parte qualitativa da pesquisa,

os alunos responderam sobre os cursos que não receberiam aprovação dos pais. Na lista, há desde os mais óbvios, como Música ou Artes, velhos renegados por terem mercado de trabalho restrito ou baixa remuneração.

Quando avisou que iria prestar Publicidade e Filosofia, o estudante Paulo Henrique Lopes, de 17 anos, enfrentou resistência da mãe. “Ela odiou, acha que vou morrer de fome”, conta ele. “Como é enfermeira, quer que eu

faça Medicina. Mas nem considero a ideia. Prefiro ser feliz.”

A mãe de Paulo ainda representa boa parte dos pais, que sonham que os filhos tenham profissões respeitadas e rentáveis. Mas já há exceções. Alguns alunos disseram que os pais não aprovariam sua escolha por Direito ou Medicina.

O motivo da rejeição ao curso está na rotina da profissão: com carga horária alta e muitos plantões. /O.B.

## Vestibulares abrem inscrições nesta semana

Candidatos às vagas das universidades públicas paulistas devem ficar atentos às datas de inscrições, que começam nesta semana.

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) come-

ça a inscrever hoje, somente pela internet, no site da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (www.comvest.unicamp.br).

A taxa de inscrição é de R\$ 128 e o kit do vestibulando, compos-

to pelo manual do candidato e por uma revista, é gratuito e está disponível para consulta e impressão no site da Comvest. O prazo para se inscrever termina no dia 23 de setembro.

A Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), responsável pelos exames da Universidade de São Paulo (USP), começa a inscrever na sexta-feira, dia 26, exclusivamente pela internet (http://www.fuvest.br).

O manual do candidato tam-

bém está disponível online.

A taxa de inscrição é de R\$ 120 e pode ser paga em bancos ou pela internet, até a data-limite de 12 de setembro. O boleto deve ser gerado até o dia 9, último dia para se inscrever.

**Bonificação.** As inscrições para o Programa de Avaliação Seriada da USP (Pasusp) pelo site da Fuvest vão até a meia-noite de quarta-feira. O programa é direcionado aos candidatos da Fuvest que

cursaram o ensino fundamental e médio em escolas públicas e dá até 15% de bônus na nota do vestibular, por meio do desempenho na primeira fase.

A inscrição no Pasusp não garante a participação no vestibular – o candidato deve fazer também a inscrição na Fuvest, mas terá isenção da taxa.

Neste ano, o programa foi estendido para os alunos do 2º ano do ensino médio, que, só por participarem, já recebem 2% de bô-

nus. Se acertarem 40 dos 90 pontos da primeira fase, recebem mais 3%, acumulando 5% para o ano que vem quando poderão alcançar até 10%.

Como o sistema é novo, haverá uma fase de transição: quem está no 3º ano (e, portanto, não participou no ano passado) poderá obter até 15% de bônus, caso acerte no mínimo 60 questões do exame. A partir do ano que vem, esse bônus passa a ser de 10%.

## Ranking do Enem melhora nota de estudante, diz pesquisa

● Análise da FGV mostra que divulgação dos dados por escola da prova do Enem tem impacto positivo

**Carolina Stanisci**  
ESTADÃO.EDU

Alunos que tiveram a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) divulgada têm desempenho melhor, na edição seguinte da prova, do que aqueles que não tiveram sua performan-

ce publicada pelo Ministério da Educação (MEC), segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para chegar aos resultados, o grupo de pesquisadores da Escola de Economia da FGV considerou o universo das escolas da região metropolitana de São Paulo que fizeram o Enem de 2005. Foram separadas duas categorias: colégios, públicos e privados, que tiveram as notas publicadas e aqueles que não tiveram – o MEC não torna público o resultado de escolas com menos de 10 alunos inscritos.

Os professores que conduziram a pesquisa – Vladimir Ponczek, Braz Camargo, Rafael Camelo e Sergio Fipe – compararam escolas com número parecido de alunos. Depois, checaram o desempenho de todos esses estudantes no Enem 2007.

“Observamos uma diferença considerável na pontuação, de cerca de 3 a 15 pontos, dos alunos que tiveram sua nota divulgada”, afirmou Ponczek. “Como vimos pelo censo do MEC que as escolas da amostra com resultado publicado não tinham mudado sua infraestrutura, interpreta-

### PARA LEMBRAR

A divulgação dos dados por escola do Enem de 2010 vai contar com a taxa de participação de alunos por unidade. As notas saem em 15 dias. A intenção é, segundo o ministro Fernando Haddad, informar à sociedade a taxa de participação proporcional dos alunos por escola, de forma a evitar que algumas usem o exame como publicidade.

mos que houve um esforço da escola ou dos estudantes.”

O professor diz que o fato de as notas em provas do Enem não serem comparáveis, como são hoje por causa da Teoria da Resposta ao Item (TRI), não interferiu nos resultados, pois a pesquisa analisou o impacto da divulgação em uma edição seguinte.

**Propaganda.** Defensor de que a publicidade das notas é sempre benéfica, Ponczek questionou a decisão do MEC de mudar o modo de divulgar os resultados do Enem por escolas, como anun-

ciou o ministro Fernando Haddad. A medida tem como objetivo evitar a criação de rankings entre os colégios, que depois podem ser usados com fins publicitários.

“No meu entender qualquer medida que vise a restringir a divulgação é um retrocesso”, diz. “Apropaganda não é ruim. Danosa é a falsa informação, como a escola que diz ser muito boa, mas só seleciona os melhores para o Enem.”

O estudo mostra ainda que a melhora na nota só foi detectada nas escolas privadas. Para o professor, o fato de a escola estar inserida no mercado, sob pressão, a faz buscar melhores índices; já a pública, não.